



01 a 04 de
OUTUBRO
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

A CIDADE DE ULISSES, MEMÓRIA E RUÍNAS NA FICÇÃO DE TEOLINDA GERSÃO

THE CITY OF ULYSSES, MEMORY AND RUINS IN THE FICTION OF TEOLINDA GERSÃO

João Batista Teixeira (GELPS)¹

Renata Martins de Lemos (GELPS)²

Resumo: Os temas que acampam junto ao romance *A cidade de Ulisses* (2011), de Teolinda Gersão revisitam a história via memória e ruínas a partir da ficcionalização do espaço contemporâneo em relação ao passado mítico sobre Lisboa ter relação em sua fundação com o personagem Ulisses. Os personagens ao evocarem um passado mítico, experienciam essas memórias através das ruínas ou resquícios do que foi essa cidade outrora e em um tempo mítico, o que relaciona a ficção de Teolinda Gersão aos temas para além dos espaços geográficos de Portugal, a presença e influência de leituras clássicas, uma recorrência na Literatura Portuguesa.

Palavras – chave: Literatura Portuguesa. Memória. Ruínas.

Abstract: The themes that appear alongside the novel *The City of Ulysses* (2011), by Teolinda Gersão, revisit history via memory and ruins based on the fictionalization of contemporary space in relation to the mythical past about Lisbon having a relationship in its foundation with the character Ulysses. The characters, when evoking a mythical past, experience these memories through the ruins or remnants of what this city once was and in a mythical time, which relates Teolinda Gersão's fiction to themes beyond the geographical spaces of Portugal, the presence and influence of classic readings, a recurrence in Portuguese Literature.

Keywords: Portuguese Literature. Memory. Ruins.

A CIDADE DE ULISSES – MEMÓRIA E FICÇÃO

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar

¹ Mestre e Doutor em Literatura e Interculturalidade pelo Ppgli/Uepb. Professor de Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Pesquisador e organizador do Gelps – Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas Portuguesas - <http://lattes.cnpq.br/8245604588185097>

² Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Licenciada em Letras – Língua Portuguesa pela UEPB/CH e Especialista em Literatura Brasileira pela FMB – Faculdade do Maciço de Baturité. Pesquisadora do Gelps – Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas Portuguesas. <http://lattes.cnpq.br/5461927204822509>.



impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (Le Goff, 1996, p. 423)

Uma cidade é o retrato das civilizações que a precederam e dos que nela residiram ou se fixaram por um longo período, também lugar de passagem e comércio, de amores e ilusões, espaço de adeus e partidas remete aos desejos de grandeza do ser humano a ponto de terem criado cidadelas fortificadas e por elas terem dado a própria vida. Narra-se as existências e feitos sempre na perspectiva de heroísmo e sentimentos os mais nobres que pela história e memória justifica-se os caminhos tortuosos pelos quais os homens e mulheres teceram suas vidas, construíram cidades e das quais ainda se nutrem dos mitos de fundação e construção desses espaços milenares:

Uma cidade construída pelo nosso olhar, que não tinha de coincidir com a que existia. Até porque também essa não existia realmente, cada um dos dez milhões de portugueses e dos milhões de turistas que por ela andavam tinha de Lisboa a imagem que lhe interessava, bastava ou convinha. Não havia assim razão para termos medo de trocar-lhe, podíamos(re)inventá-la. (Gersão, 2017, p. 41).

Nessa reflexão insere-se também a literatura de Teolinda Gersão com especial destaque para *A cidade de Ulisses* (2017) romance no qual a escritora portuguesa apresenta os personagens Paulo Vaz e Cecília Branco que para além da sua história de amor, vivem e trazem ao leitor pelo recurso da memória a cidade de Lisboa em seus aspectos históricos e também pelo mito de fundação – Ulisses – ser o fundador desta cidade que é a identidade do povo português, uma reflexão que impõe à narrativa as relações entre a literatura portuguesa e os mitos clássicos, herança e influência que elabora a literatura portuguesa enquanto romance em seus primórdios e que na contemporaneidade não abandona essa estreita relação com a tradição:

A cidade de Ulisses. O nome parecia-nos irrecusável. Havia pelo menos dois mil anos que surgira a lenda de que fora Ulisses a fundar Lisboa. Não se podia ignorá-la como se nunca tivesse existido. Havia aliás vinte e nove séculos que o rastro de Ulisses andava no imaginário europeu, a civilização helênica foi o berço da Europa, e ao lado da Bíblia judaico-cristã a *Odisseia* (muito mais que a *Ilíada*) foi, ao longo dos séculos, o outro grande livro da civilização ocidental. Tal como há uma “vulgata” bíblica há também uma vulgata homérica, e, num caso e noutro, uma série de histórias fora das “vulgatas” circulam em torno das personagens. (Gersão, 2017, p. 42-43).



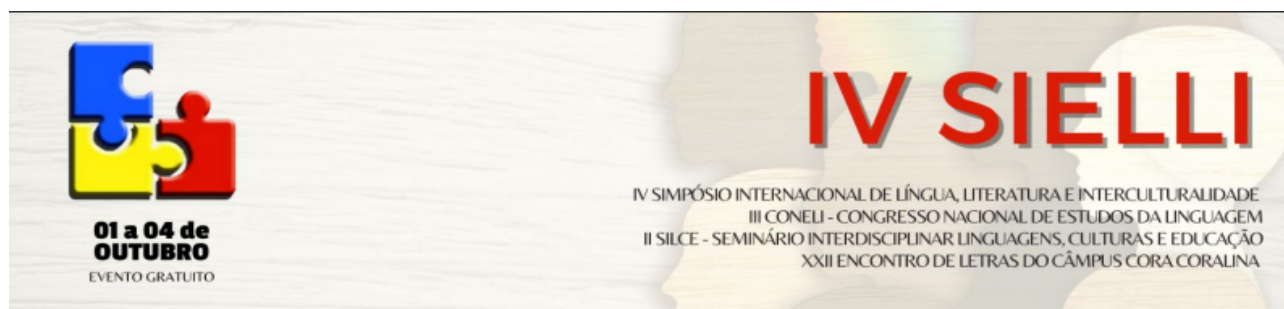
Pode ser considerada uma homenagem à cidade antigamente titulada de *Olissipo*, como os romanos lhe chamavam e pela reinvenção literária a narrativa ambienta-se em Lisboa funciona como uma lente que amplia ao leitor às muitas histórias que podem compor a origem de uma cidade e se a marca de Ulisses é perceptível em alguns lugares e marcas do passado, é também um sinalizador da presença do outro na construção de uma cidade que já foi cenário de outros romances e novelas e só reafirma o valor de um povo que tem relação com outras civilizações e dialogam para além do mar e de suas fronteiras – esse aspecto é também marca da ficção de Teolinda Gersão.

Pierre Nora (1993, p.28) diz acerca da memória que, com efeito só conheceu duas formas de legitimidade e que seria a histórica e a literária e exercidas paralelamente e embora hoje separadamente e que o interesse pelos lugares onde se ancora e se condensa assim como também se exprime o capital esgotado de nossa memória coletiva vem é ressaltado através dessa sensibilidade. História espécie de uma época arrancada de sua profundidade, romance verdadeiro de uma época sem romance verdadeiro e que a memória, promovida no centro da história é o luto manifesto da literatura.

Se a memória é esse espaço que divisa fronteiras nunca permitidas à sua ultrapassagem, é pelo exercício da escrita na ficção que as histórias e mitos vêm à tona e mostram muito mais do que esperam os homens.

Recriar e trazer ao leitor em *A cidade de Ulisses* (2017) uma versão da fundação de Lisboa ancorada em no mito de Ulisses filia a cultura e literatura portuguesa aos moldes clássicos gregos e isso é uma cartografia que envolve continentes e mares a dizer da história humana percebida pelos objetos da escultura grega em terras portuguesas e das odes e canções ensinadas imortalizadas na história da literatura portuguesa.

Com efeito é a ficção de Teolinda Gersão um mergulho nas profundezas da história e da ficção e a memória individual e coletiva se condensam no seu romance contemporâneo e que se elabora com vigor da cultura grega e portuguesa reclamando o lugar do clássico no “caos” da ficção contemporânea.



A autora recria via ficção a cidade de Lisboa pela lenda de Ulisses elabora o romance com rigor cronológico até a contemporaneidade e destaca elementos da cultura portuguesa como o fado aspecto da arte e definidor da identidade desse povo:

Segundo a lenda Ulisses dera a Lisboa seu nome, Uliseum, transformado depois em Olissipo através de uma etimologia improvável. O que dava à cidade um estatuto singular, uma cidade real criada pela personagem de um livro, contaminada então pela literatura, pelo mundo da ficção e das histórias contadas. Joyce partira do nada para escrever *Ulisses*, Dublin estava completamente fora da rota imaginária da personagem de Homero. Lisboa, pelo contrário, estava historicamente ligada à Grécia, às rotas marítimas e comerciais dos gregos (Existem, ainda hoje numerosos vestígios e peças de cerâmicas gregas em Almaraz, perto de Lisboa, além de outros lugares, como Aveiro, Alcácer do Sal e Algarve. Sobre a relação de Ulisses com Lisboa não tínhamos que inventar nada, já tudo havia sido inventado havia dois mil anos, e essa história, porque tinha pés para andar, continuara a andar séculos afora. (Gersão, 2017, p. 43).

A literatura de Teolinda Gersão tem também a característica de valorização da história e cultura portuguesa e isso é caracterizado em seus personagens narradores que reforçam os aspectos da língua portuguesa como uma grande tradição assim como as Belas Artes – Pintura, Escultura, Música, Literatura, Dança e Arquitetura – são esses aspectos os destaques em que *A cidade de Ulisses*, foi pensada e fundada também por um mito – algo que é comum em todas as culturas – mitos fundadores e mais ainda os narradores reforçam a relevância de Lisboa em comparação a Dublin, capital da Irlanda e do livro de James Joyce por ter como título “*Ulisses* foi algo que partira do nada e que Lisboa estava historicamente ligada à Grécia pelas rotas marítimas e comerciais dos gregos” (GERSÃO, 2017, p. 43).

Seria um recurso literário que a autora utiliza para que a história de Lisboa e de Portugal não se perca e isso não funciona como pedantismo e urgência em uma determinada sociedade ser mais lembrada que outra. Funciona a literatura de Teolinda Gersão como também o fez Eça de Queiroz em *As cidades e as serras*, uma narrativa literária de valorização do lugar e da cultura de Portugal.

LISBOA E ULISSES NA ESCRITA DE TEOLINDA GERSÃO

Construir uma cidade, uma nova casa, é imitar mais uma vez e, em certo sentido, repetir a criação do mundo. Com efeito, cada cidade, cada casa, encontra-se no ‘centro do universo’ e, nessas circunstâncias, a sua construção só é possível graças à abolição do espaço e do



tempo profanos e à instauração do espaço e do tempo sagrados. A casa é um microcosmos, do mesmo modo que a cidade é sempre uma imago mundi. (Eliade, 1993, p. 305).

Uma cidade para que seja erigida há que suplantar tesouros, aplainar vales, trazer a nova fundação em bases “sólidas” a ponto de no futuro não haver nenhum tipo de referência ao que lá estava antes da fundação.

Em *A cidade de Ulisses* ocorre o olhar voyeur dos narradores-personagens que ao procederem ao passeio público pelas ruas de Lisboa vão encontrando os resquícios de um passado, ruínas do que ainda restou da presença mítica de Ulisses na fundação da cidade:

Que marcas do mito se encontravam ainda em Lisboa? Na verdade, algumas: no Castelo de São Jorge a Torre de Ulisses, que já foi Torre do Tombo, onde estavam Fernão Lopes e Damião de Góis; na Rua do Carmo a Luvária Ulisses, sofisticada e pequeníssima a, do tamanho de uma caixa de lenços; no Largo da Misericórdia a Livraria Olisipo; a Ulisseia Filmes Editora Ulisses; e Fernando Pessoa fundara a Editora Ulissipo, onde publicara o primeiro volume dos seus poemas ingleses, as Canções de António Botto e Sodoma revisitada de Raul Leal, e que logo depois falira. Não haveria talvez muitas mais memórias, pelo menos agora não estávamos a ver outras, mas registávamos pelo menos estas. (Gersão, 2017, p. 44).

A narrativa vai adentrando os espaços da cidade de Lisboa e com detalhes de um imaginário elaborado a partir de uma relação com o mito de Ulisses invoca um passado que para além daquilo que seria ruínas de uma civilização que se reconstrói pelos caminhos da letra e literatura confirma a Lisboa dos poetas e das artes:

ULISSES O mito é o nada que é tudo. O mesmo sol que abre os céus É um mito brilhante e mudo – O corpo morto de Deus, Vivo e desnudo. Este, que aqui aportou, Foi por não ser existindo. Sem existir nos bastou. Por não ter vindo foi vindo E nos criou. Assim a lenda se escorre A entrar na realidade, E a fecundá-la decorre. Em baixo, a vida, metade de nada, morre (Pessoa, 2008, p. 83).

É uma espécie de ambição, uma pretensão como afirma Ricouer (2007, p.40) está vinculada à memória: a de ser fiel ao passado; desse ponto de vista, as deficiências procedentes do esquecimento, e que evocaremos longamente no momento oportuno, não devem ser tratadas de imediato como formas patológicas, como disfunções, mas como o avesso de sombra da região iluminada da memória e essa caracterização da cidade de Lisboa pela ficção de Teolinda Gersão informa sobre o olhar sobre a ruína e o passado que enfeitam a cidade lhe impingindo a condição de



cidade eterna como Jerusalém, Roma, Constantinopla e Alexandria, Tróia e Atenas, Lisboa resplandece muito mais pelo imaginário de quem escreveu sobre ela e a tornou um símbolo de grandeza, tradição e também de uma modernidade que não se completou.

Ainda é motivo de envaidecer o lisboeta quando os narradores dizem:

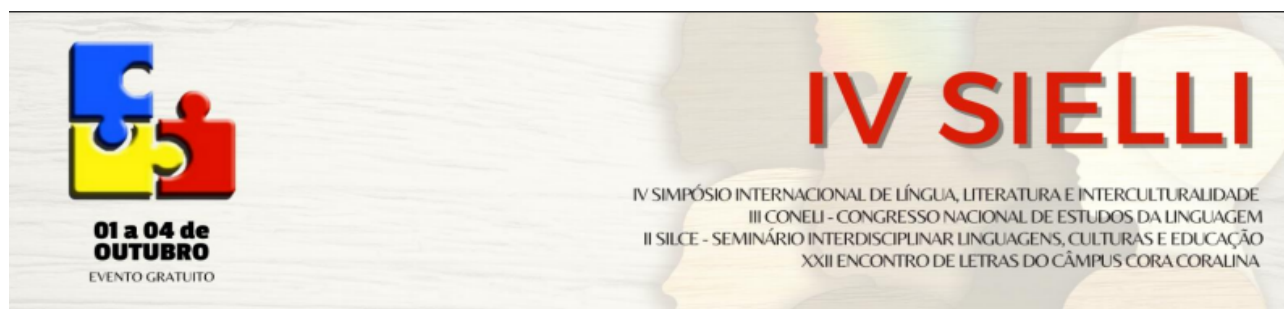
A Lisboa de Ulisses não era, portanto, invenção dos nossos renascentistas, que retomaram o mito numa época em que a Antiguidade se tornara modelo e moda, muito menos era invenção nossa. Não tínhamos culpa de que por exemplo Estrabão tivesse escrito no século I, na *Geografia*, que Lisboa se chamava Ulisseum por ter sido fundada por Ulisses, que Solino e outros repetissem Estrabão, que Asclepiades de Mirleia escrevesse que em Lisboa, num templo de Minerva, se encontravam suspensos escudos, festões e esporões de navios, em memória das errâncias de Ulisses, que Santo Isidoro de Sevilha afirmasse no século VII que Olissipona foi fundada e denominada por Ulisses, no qual lugar se dividem o céu e a terra, mares e as terras. (Gersão, 2017, p. 45).

A narrativa de *A cidade de Ulisses* (2017) se enriquece de detalhes que fornecem dados históricos prováveis ou não, são esses argumentos suficientes para manter a linearidade do texto e a intencionalidade da autora que se estabelece na perspectiva de trazer à Literatura Portuguesa o destaque que lhe é próprio e merecido.

Pelas figuras históricas que são citadas pelos personagens fica evidente a relação entre um passado que mesmo em ruínas pela modernidade agônica, se restabelece pelo mito de Ulisses demonstrando que o tempo histórico se coaduna com a Lisboa da atualidade pela riqueza de detalhes que os narradores deixam transparecer:

Podíamos imaginar Ulisses explorando por terra a região de Lisboa, chegando a Sintra, indo até o Cabo da Roca (Ofiúsa para os Antigos) no extremo mais ocidental da Europa, e a partir daí olhando o Atlântico. Tinha chegado ao fim do mundo conhecido, chegara até o início do grande Mar das Trevas. Menos azul que o Mediterrâneo, não familiar, estranho, pensaria Ulisses olhando o Mar das Trevas, que outros navegantes iriam um dia atravessar, e a seguir ao Atlântico chegariam ao Índico e ao Pacífico. E, vinte e quatro séculos depois de a Odisseia ser passada à escrita, um poeta aventureiro, que se envolvia em rixas em Lisboa e andara embarcado por África e Ásia, teria o desprazo de se sentar no lugar de Homero, e de escrever, por sua conta e risco essa epopeia. (Gersão, 2017, p. 47).

Ulisses como um grande herói que fora educado em Quíron e desde muito jovem demonstra as suas habilidades e durante uma estadia na corte do avô Autólico que o herói participa de uma caçada a javalis, ação que seria trágica para toda a sua vida e também pontual para a sua trajetória

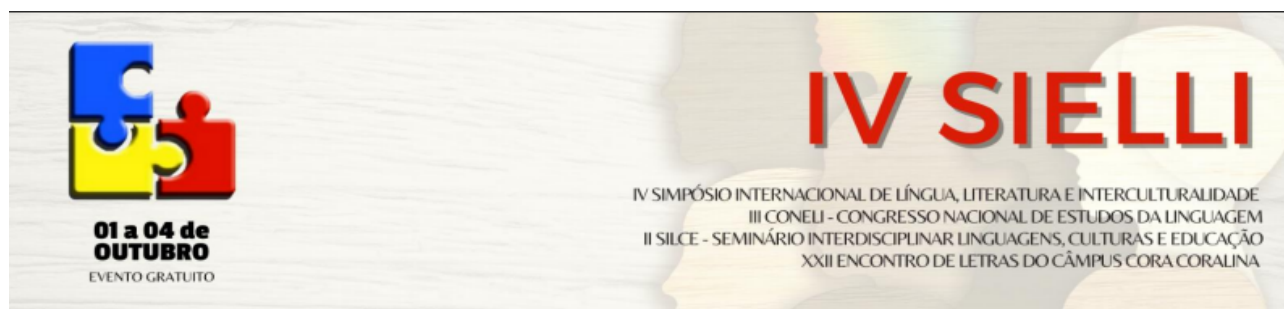


como mito fundador, sobrevive com uma cicatriz que permite que futuramente seja reconhecido no seu retorno à Ítaca após os vinte longos anos de ausência.

É para a ficção de Teolinda Gersão muito proveitoso e utilitário a figura do mítico Ulisses associado ao romance pelo chamativo título *A cidade de Ulisses* e pela forma como o herói grego faz a narrativa crescer e amalgamada às histórias de Lisboa e a cultura portuguesa traz para a nova literatura portuguesa a presença de elementos clássicos na composição de uma narrativa que mesmo alocada na contemporaneidade oferece ao leitor um passeio significativo pelos lugares e espaços que fazem de Lisboa uma cidade que não se afasta da grandeza que lhe é peculiar, mas abarca e abraça a Ulisses de maneira prodigiosa a ponto de ofertar como tecido composicional literário uma cidade que sabe dialogar com as culturas que lhes chegam e se cumprimentam com a riqueza das histórias e mitos:

A história da *Odisseia* era universal e intemporal, nunca acabaria de ser contada, nunca poderia acabar de ser contada. A viagem de Ulisses era a vida de todos nós, qualquer um podia identificar-se com Ulisses. A primeira palavra, abrindo o livro, era a palavra “homem”. Podíamos ler a *Odisseia* como o primeiro romance europeu, matriz de todos os que vieram depois. A história assentava como uma segunda pele no imaginário de Lisboa: Ulisses parte para a guerra e para o mar, deixando para trás a mulher e um filho. Ao longo dos séculos também nós vivemos essa história de mulheres esperando, sozinhas, de filhos crescendo sem pai. Foi assim nas cruzadas, nos Descobrimentos, na guerra colonial, na emigração, até ao século XX. Fora da “vulgata” homérica, outras versões podiam ser igualmente histórias nossas: Penélope ouve rumores sobre a morte de Ulisses e corre a afogar-se no mar. Mas é salva por pássaros, provavelmente gaivotas, que a trazem até à praia. (Gersão, 2017, p. 49).

Teolinda Gersão em *A cidade de Ulisses* impõe aos narradores pela sua inventividade literária a valorização da história de Portugal e de Lisboa. Ulisses é convocado à narrativa como mito fundador de Lisboa e lança sobre a cidade os feitos históricos e heroicos do povo português. É com esse olhar que a autora faz literatura portuguesa nos moldes de criação e manutenção dos valores e história de Portugal. É Teolinda Gersão uma mulher que pela sua literatura oferta conhecimento histórico ficcionalizado sem perder de vista o papel da literatura que é também narrar os mitos que não cabem na história factual por serem complexos e oriundos de diversas tradições e imaginários.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ler a literatura de Teolinda Gersão é recorrente a presença de elementos da identidade portuguesa. No entanto a autora busca enlaçar via ficção elementos históricos e míticos de modo que se enriquece a narrativa e a qualidade da Literatura Portuguesa desde as suas temáticas mais frequentes aos aspectos que elaboram a literatura dita contemporânea.

Assim ocorre em *A cidade de Ulisses* (2017) texto que se estabelece a partir de diálogos profícuos entre os narradores-personagens e a tradição de que Lisboa pode ter sido fundada pelo herói grego Ulisses. A narrativa oferta ao leitor uma rica visão de mundo das personagens a partir do que é Lisboa e as influências da cultura helênica na sua arquitetura e literatura. Teolinda Gersão realiza a sua ficção em constante e caloroso contato entre as culturas para além mar e Ulisses ao ser mote do seu romance só engrandece a cidade de Lisboa aqui ficcionalizada e recriada pelo imaginário dos seus moradores e também por aqueles que nela encontram morada.

Assim como o retorno de Ulisses à Ítaca na Grécia, o retorno à Lisboa se faz pelo olhar itinerante dos personagens que se encontram e acabam diluídos pela força da narrativa que traz ao leitor histórias e mitos que fornecem à humanidade espelhos para que se vejam, se reconheçam e se refaçam. *A cidade de Ulisses*, de Teolinda Gersão é o exemplo de romance português contemporâneo bem feito e alicerçado na portugalidade e história cultural do povo de Lisboa em diálogo com outras culturas.

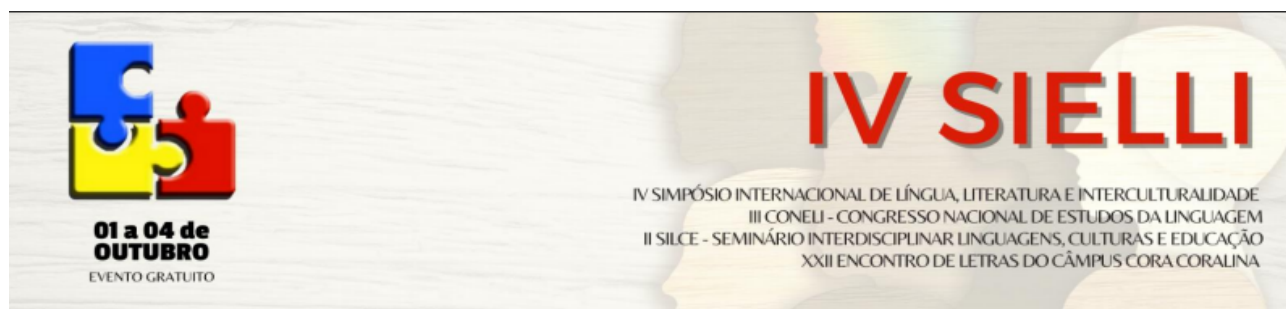
REFERÊNCIAS

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GERÇÃO, Teolinda. **A cidade de Ulisses**. Rio de Janeiro. Oficina Raquel, 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana F. Borges. 4. ed. Campinas-SP: Unicamp, 1996.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993.



PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Edição de António Apolinário Lourenço. 2.ed. corrigida e aumentada. Coimbra: Angelus Novus, 2008.

QUEIRÓS, Eça. **A cidade e as serras**. São Paulo:Hedras,2006.

RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução Alain Françoï *et al.* Campinas: Editora da Unicamp,2007.